

ISOP - INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS - EDITORA DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

# TEXTOS

DO CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM PSICOLOGIA

**HISTÓRIA DA PSICOLOGIA** Apontamentos sobre as Fontes  
e sobre Algumas das Figuras  
mais Expressivas da Psicologia  
na Cidade do Rio de Janeiro (II)

**Antonio Gomes Penna**

P/ISOP  
CPGP  
T  
4



4

## E R R A T A

APRESENTAÇÃO - na 5.<sup>a</sup> linha leia-se Maurício de Medeiros

PÁGINA 11 - na ante-penúltima linha, leia-se: na medida em que  
foram as...

PÁGINA 15 - na 20.<sup>a</sup> linha, retirar o de

PÁGINA 15 - na 38.<sup>a</sup> linha, depois de desenvolvimento individual  
segue-se:

escreve à pag. 14: "A educação equivale, em verdade, a um  
terceiro período de desenvolvimento na constituição do ser  
humano completo:

PÁGINA 22 - na 28.<sup>a</sup> linha, o período termina com aspas.

PÁGINA 22 - na 36.<sup>a</sup> linha, ao invés de 10, leia-se (1).

PÁGINA 25 - na 10.<sup>a</sup> linha, leia-se: inspirado em Claparède  
na 36.<sup>a</sup> linha, leia-se: efetivamente úteis a nível.

PÁGINA 30 - na 16.<sup>a</sup> linha, leia-se: Policlínica  
na 17.<sup>a</sup> linha (ou deve ser suprimido)

PÁGINA 31 - na 10.<sup>a</sup> e na 19.<sup>a</sup> linhas o nome correto é Souriau

PÁGINA 38 - na 39.<sup>a</sup> linha leia-se: arraial e feira

PÁGINA 39 - na 13.<sup>a</sup> linha leia-se: A grande cidade mais próxima  
é a do Crato.

PÁGINA 40 - na 19.<sup>a</sup> linha, leia-se: "sedição de Joazeiro".



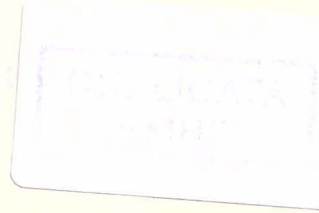
Telex: 150.9  
PG12 h  
BB365309

I S O P

Instituto Superior de Estudos e Pesquisas  
Psicossociais

Centro de Pós-Graduação em Psicologia

f8/11  
f8-110



### HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Apontamentos sobre as Fontes e sobre Algumas das  
Figuras mais Expressivas da Psicologia na Cidade  
do Rio de Janeiro (II)

Antonio Gomes Penna, 1977-



Rio de Janeiro

1986

## TEXTOS DO CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E

Nº 4 - 1986

## EXPEDIENTE:

DIRETOR: Franco Lo. Presti Seminário  
COORDENAÇÃO: Athayde Ribeiro da Silva

AC. 31741  
JD 49206

BIBLIOTECA  
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

31/87  
014-87

Direitos reservados desta edição à Fundação Getúlio Vargas  
Praia de Botafogo, 190 - CEP 22.253  
C.P. 9.052-CEP 20.000  
Rio de Janeiro - Brasil

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra  
Copyright (c) de Fundação Getúlio Vargas

## Ficha Catalográfica

Penna, Antonio Gomes

História da psicologia: apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das figuras mais expressivas da psicologia na Cidade do Rio de Janeiro/ Antonio Gomes Penna. - Rio de Janeiro; ISOP, CPGP, 1986

40f. - (Textos do Centro de Pós-Graduação em Psicologia; 4)

1. Psicologia - História - Fontes. 2. Bomfim, M. (Manoel), 1868-1932. 3. Medeiros, Maurício de, 1885-1966. 4. Olinto, Plínio, 1886-1956. 5. Lourenço Filho, M.B. (Manuel Berstrom), 1897-1970. I. Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais. Centro de Pós-Graduação em Psicologia, II. Título: Apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das figuras mais expressivas da psicologia na Cidade do Rio de Janeiro. III. Série.

CDD - 150.9

CDU - 159.9



## APRESENTAÇÃO

O presente texto está dedicado a uma análise da contribuição produzida por quatro das mais significativas figuras que trabalharam na condição de educadores, para o desenvolvimento da psicologia científica na cidade do Rio de Janeiro. Referimo-nos a Manoel Bomfim, Maurício Medeiros, Plínio Olinto e Lourenço Filho. Dos quatro, os três primeiros foram médicos e o último bacharel em direito. Maurício de Medeiros e Plínio Olinto ainda se dedicaram intensamente a psiquiatria clínica, sendo que Maurício de Medeiros foi catedrático de psiquiatria da Faculdade de Medicina da antiga Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro e diretor do Instituto de Psiquiatria da mesma Universidade. Dos quatro, ainda os três primeiros atuaram tanto no "Pedagogium", instituição criada em 1880 e efetivamente extinta em 1919 e na Escola Normal do Distrito Federal. Quanto a Lourenço Filho, tendo realizado parte de sua carreira em São Paulo e no Ceará, foi nomeado em 21/03/1932 diretor da Escola de Professores organizada como uma das unidades do Instituto de Educação, que, por igual, absorveu a antiga Escola Normal. Com a exceção de Manoel Bomfim, os demais tiveram atuação a nível universitário, destacando-se a contribuição de Lourenço Filho na Faculdade Nacional de Filosofia, a de Maurício de Medeiros na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil e a de Plínio Olinto na Universidade do Distrito Federal, para a qual foi nomeado em março de 1936, colaborando, juntamente com Nelson Romero, na condição de assistente com o professor Etienne Souriau.

O texto será dividido em duas partes: (1) a primeira destinada a registrar dados sobre o "Pedagogium" e sobre a Escola Normal e Instituto de Educação; (2) a segunda dedicada a um exame sumário das contribuições dos quatro psicólogos-educadores acima citados. O presente texto deverá constituir-se no volume nº 4 dos "Textos do Centro de Pós-Graduação em Psicologia", do ISOP/FGV.

Cabe registrar que as anotações que integram esta publicação foram obtidas na Biblioteca do Instituto de Educação, na Biblioteca da Academia Nacional de Medicina, na Biblioteca da Faculdade de Medicina da UFRJ e no Arquivo do CPDOC da FGV. Cabe referência, ainda, ao auxílio recebido da ilustre professora Juracy da Silveira, da família do professor Plínio Olinto, do ilustre professor Rui Lourenço Filho e do ilustre Dr. Alverto Venâncio Filho, aos quais apresentamos aqui nossos agradecimentos.

A.G.Penna



## S U M Á R I O

1. <sup>a</sup> PARTE: SOBRE O "PEDAGOGIUM" E SOBRE A "ESCOLA NORMAL" E "INSTITUTO DE EDUCAÇÃO"	7
2. <sup>a</sup> PARTE: MANOEL BOMFIM, MAURÍCIO DE MEDEIROS, PLÍNIO OLINTO E LOURENÇO FILHO	12
I - A OBRA DE MANOEL BOMFIM	12
II - A CONTRIBUIÇÃO DE MAURÍCIO CAMPOS DE MEDEIROS (1885/1966)	24
III - A CONTRIBUIÇÃO DE PLÍNIO OLINTO (1886/1956)	29
IV - A CONTRIBUIÇÃO DE LOURENÇO FILHO (1897/1970)	34

1894

1895

1896

1897

1898

1899

1900

1901

1902



1ª PARTE: SOBRE O "PEDAGOGIUM" E SOBRE A "ESCOLA NORMAL" E  
"INSTITUTO DE EDUCAÇÃO"

A idéia de se fundar o "Pedagogium" surgiu em 1882 com o "Parecer do projeto de ensino primário", elaborado pelo então deputado Rui Barbosa e no qual se cogitava da criação de um "Museu Pedagógico", com a finalidade de "expor, demonstrativamente, a história, a estatística e a situação atual do ensino em todos os seus graus, no país e no estrangeiro". Em 1883, Franklin Dória pretendeu a criação de um órgão semelhante, chamado no seu projeto de "Museu Nacional Escolar", tentativa que, no entanto, fracassou.

Em 1890, já na República, foi, afinal, criado o "Pedagogium" pelo decreto nº 667 de 16/08/1890 destinado a ser "o centro propulsor das reformas e melhoramentos de que carecesse a educação nacional". Mas, com esse caráter nacional o "Pedagogium" havia de ter, forçosamente, vida efêmera, pois a Constituição republicana de 1891 manteve, quanto à instrução, a política descentralizadora do Ato Adicional de 1834.

O "Pedagogium" funcionou, a princípio, como Museu pedagógico, organizado por uma instituição particular, com o material que havia figurado na Exposição pedagógica realizada pela Corte, em 1883. Passou depois à jurisdição do governo municipal do Distrito Federal com programa mais restrito. De qualquer forma, precisamente em 1897 José Joaquim Medeiros e Albuquerque (1867/1933) foi nomeado Diretor da Instrução Pública, no Distrito Federal. Interessado no "Pedagogium", Medeiros e Albuquerque logo o transforma de um simples Museu, em um centro de cultura superior aberto ao público. No "Pedagogium" instalou-se em 1906, consoante afirma Plínio Olinto, um Laboratório de "Psicologia Experimental" - provavelmente o primeiro em todo o país - dele se encarregando Manoel Bomfim. Em seu livro "Pensar e Dizer", publicado em 1923, Manoel Bomfim a ele se refere escrevendo: "Durante 12 anos tive à minha disposição um laboratório de Psicologia; nas pastas, ainda estão acumuladas anotações, traçados, fileiras de cifras ... e nunca tive coragem para organizar uma parte qualquer desses dados e de os publicar, porque nunca obtive uma elucidação satisfatória. Afigurava-se-me um problema aparentemente sim-

ples. - Efeitos de sugestão sobre o esforço muscular; realizava uma série de experimentações e delas resultavam, ao lado de escassas indicações positivas, novos aspectos de pesquisas, isto é, novos problemas. Em apêndice, darei os resultados de experimentações quanto ao "tempo de percepção". Foram os mais férteis, entre as que sistematicamente organizei. Esses resultados mostrarão bem - quanto é difícil o concluir lucidamente em face de tais experimentações (1923, p. 27, nota de roda-pé).

Assinale-se que, além do laboratório, frequentado assiduamente por normalistas formadas, estudantes e pessoas interessadas, promoveu o "Pedagogium" cursos de alto nível, como, por exemplo, o foi o de Antonio Austregésilo sobre a Fisiologia do Sistema Nervoso. Infelizmente o "Pedagogium" foi extinto pelo decreto municipal nº 1360 de 19/07/1919. Vale registrar que as notas sumárias que aqui apresentamos foram retiradas de uma reportagem realizada por Adalberto Ribeiro, intitulada "Como trabalha o I.N.E.P.", publicada na Revista do Serviço Público, Ano V, vol. III, nº 3 de setembro de 1942. A rigor, verifica-se que o "Pedagogium", na verdade, foi substituído pelo INEP, criado pelo decreto-lei nº 580 de 30/07/1938.

Sobre a Escola Normal, os dados que aqui vão reunidos, nós os retiramos do belo trabalho de Jonathas Serrano - ex-diretor da antiga Escola Normal, professor do Instituto de Educação e do Colégio Pedro II - intitulado "Cinquenta anos de ensino normal", publicado pela primeira vez no Boletim de Educação Pública, Ano I nº 4, out/dez., de 1930, pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal e reimpresso nos "Arquivos do Instituto de Educação" vol. II, Dez., 1945, nº 4, publicado pelo Instituto de Educação.

Pelo texto de Jonathas Serrano, verifica-se que a Escola Normal foi efetivamente fundada em 05/04/1880, sendo seu Diretor interino o bacharel Benjamin Constant Botelho de Magalhães. A ata de inauguração da Escola, transcrita por Jonathas Serrano está redigida nos seguintes termos: "Às sete horas da tarde do dia cinco de abril do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta, em uma das salas do Externato do Imperial Colégio de Pedro Segundo, onde se achava Sua Magestade o Imperador o



Senhor Dom Pedro Segundo, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, Sua Majestade a Imperatriz, S.Exa. o Sr. Conselheiro Barão Homem de Mello, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, o Bacharel Benjamin Constant Botelho de Magalhães Diretor Interino da Escola Normal, os Professores e Substitutos da mesma Escola e outras pessoas abaixo assinaladas, depois do discurso do Sr. Dr. Diretor, S.Exa. o Sr. Ministro do Império disse: "Com a vênia de Sua Majestade o Imperador acha-se solenemente instalada a Escola Normal". "(Arquivo do Instituto de Educação, p. 9). Tal ata foi encontrada por Jonathas Serrano, no Arquivo da Escola, em 1927.

A fundação da Escola em 1890 foi, no entanto, precedida de várias tentativas, sendo de notar que a 25 de março de 1875 inaugurava o Senador Corrêa, em prédio da rua Larga, de São Joaquim, uma escola de caráter particular destinada a formação de professores primários. O curso estava planejado para três anos, mas já em 20 de dezembro a escola encerrava suas atividades. Como registra Jonathas Serrano, a lei orçamentária de 1875 autorizava a criação de escolas normais, sendo, pois, dispensável a que fora criada pelo Senador Corrêa. A dois de dezembro de 1876 foi lançada a pedra fundamental de nova escola, na esquina da rua da Relação com a rua dos Inválidos. A 30 de novembro de 1876 criavam-se duas escolas normais. Uma seria internato e estava destinada a formação de professoras primárias; a outra, funcionando em regime de externato visava a formação de professores. Em anexo a cada uma dessas escolas previa-se o funcionamento de uma escola primária destinada à prática dos estudantes. Entretanto, só a seis de março de 1880 decreta-se a criação da Escola, efetivamente inaugurada, consoante o que consta da ata já transcrita, em 5 de abril de 1880.

De acordo com os dados registrados por Jonathas Serrano, a Escola Normal funcionou até 1888 no edifício da Escola Politécnica em regime de curso noturno. A seguir passa a funcionar no prédio, em que se instalou a Escola Profissional Rivadávia Corrêa, situada na Praça da Aclamação, posteriormente denominada de Praça da República. Em 1914 mudou-se para o Estácio, ocupando o prédio da rua São Cristovão, onde funcionava a Escola Estácio de Sá. Posteriormente foi-lhe reservado o edifício situado, na esquina do Largo, antes destinado a uma Agência da Prefeitura. Já em



1915, conforme consta do breve histórico mimeografado pelo Instituto de Educação, criava-se como uniforme obrigatório o azul e branco que permanece até hoje. Ainda em 1915 foi-lhe anexada a Escola de Aplicação destinada ao treinamento dos futuros professores, que funcionava no Campo de São Cristóvão, onde posteriormente se instalou a Escola Gonçalves Dias.

Conforme observa Lourenço Filho "até 1900 não constava a psicologia, como disciplina especial em nossas escolas normais, como, aliás, não constava nas da maioria dos países". A modificação dos programas do Ensino Nacional, em 1890, com a substituição da disciplina Filosofia pelas de Psicologia e Lógica, na reforma Benjamin Constant Botelho de Magalhães, parece ter animado a maioria dessas escolas, nos vinte anos seguintes, a desdobrarem o programa de Pedagogia em duas partes, das quais a primeira era consagrada à apresentação de noções de psicologia. Parece certo, também, que as primeiras escolas normais a adotarem tal esquema foram as da Capital de São Paulo e a do Distrito Federal.

Jonathas Serrano, contudo, registra que em 1921 decretava-se o ensino da psicologia nas escolas normais, como disciplina facultativa. Obviamente sob o protesto dos grandes educadores, como, por exemplo, Manoel Bomfim. O próprio Jonathas Serrano, não obstante sua condição de professor de História, considerava um absurdo a conversão de uma disciplina básica, para o estudo da pedagogia em disciplina facultativa. A situação, contudo, reformula-se em consequência do decreto de 23 de janeiro de 1928 quando, de novo, a psicologia experimental aplicada à educação apareceu como a primeira das matérias do ciclo normal, ao lado da pedagogia, História da Educação, Didática, Sociologia, Higiene e Puericultura. Em 1930, a Escola Normal se transfere para o magnífico prédio mandado construir pelo Prefeito Prado Junior e aí permanece até 1932, quando, precisamente pelo decreto 9810 de 19 de março de 1932, expedido pelo Interventor Pedro Ernesto fundou-se o Instituto de Educação, que, de fato, resultou da incorporação, em um só estabelecimento, da Escola Normal, das escolas anexas (Jardim de Infância e Escola de Aplicação) obviamente todas sofrendo modificações. Criado o Instituto logo é nomeado seu diretor o Prof. Lourenço Filho, chamado, de fato, por Anísio Teixeira, então responsável pela instrução pública no Distrito Federal. Lourenço Filho impusera-se à essa esco-

lha pelo magnífico trabalho realizado em São Paulo, quando exerceu a Diretoria Geral do Ensino. Como bem observa Francisco Venâncio Filho (1945) foi, assim, o Instituto de Educação, obra dos três grandes educadores dessa nossa fase histórica: Fernando Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho. Assinale-se ainda, que em 1934 é nomeado, Lourenço Filho Prof. Chefe da Seção de Psicologia e Sociologia Educacional do Instituto.

Entendemos que as referências ao "Pedagogium", à Escola Normal e ao Instituto de Educação revelam-se inteiramente pertinentes na medida em que as instituições, onde, de fato, se iniciou, de modo sistemático, o ensino da psicologia no Rio de Janeiro.



2ª PARTE: MANOEL BOMFIM, MAURÍCIO DE MEDEIROS, PLÍNIO OLINTO E LOURENÇO FILHO.

I - A OBRA DE MANOEL BOMFIM

Manoel Bomfim (1868-1932), natural de Sergipe, formou-se em Medicina em 1890. Começou a trabalhar - como registra Evaristo de Moraes Filho, (1981) ainda estudante, em "O Correio do Povo", de Alcindo Guanabara. Médico da Polícia do Estado do Rio, foi diretor do "Pedagogium". Ingressou no magistério em 1898, ensinando Instrução Moral e Cívica na antiga Escola Normal, dedicando-se, em seguida, ao ensino da Pedagogia, da Psicologia e do Português. Organizou em 1906 (no "Pedagogium"), o que provavelmente terá sido o primeiro Laboratório de Psicologia Experimental do Brasil. Sua preocupação em dominar as técnicas da psicologia experimental levou-o a Paris (em 1902), onde estudou com George Dumas, cujo Laboratório funcionava anexo a Clínica de Jouffroy em Saint'Anne. Foi durante sua permanência em Paris que escreveu sua notável obra intitulada "A América Latina", publicada em Paris, pela Livraria Garnier em 1905. "A América Latina: Males de Origem" aparece em 2ª edição, editada pela "A Noite" em 1903, com 463 páginas. É de se assinalar, contudo, que, em advertência ao leitor, assegura Bomfim que a obra se apoia em notas, observações e reflexões reunidas durante nove anos e que a idéia de incorporá-las em livro ocorreu-lhe dez anos antes, ao ler o livro de Bagehot "Physic and Politic". Adverte-nos, ainda, que as referidas notas, observações e reflexões que integram o livro foram antes apresentadas resumidamente em um Parecer que se converte no prefácio à excelente História da América, de Rocha Pombo, obra vitoriosa em um concurso para aproveitamento de um compêndio de História da América, aberto em 1897 pelo Diretor Geral da Instrução Pública, quando Manoel Bomfim era membro do Conselho Superior de Instrução Pública.

A obra de Manoel Bomfim distribuiu-se em três áreas diferentes: a história, a pedagogia e a psicologia. Embora nos devamos interessar apenas pela contribuição no campo da psicologia, de modo algum nos cabe descartar algumas considerações sobre o que produziu nas outras áreas, pela relevância que elas efetivamente mostram em função de uma perspectiva psicológica mais aberta.



Em "A América Latina: Males de Origem" detectamos posições muito avançadas no domínio do que poderíamos considerar Psicologia da Cultura, como, por exemplo, sua enérgica rejeição das teses racistas segundo as quais a inferioridade dos países latino-americanos se deveria a fatores raciais. Essa tese, que por outro lado, contava com o aval de figuras altamente significativas, como as de Nina Rodrigues, Tobias Barreto, Sílvio Romero e Oliveira Vianna, é totalmente negada. Opta Manoel Bomfim por um tipo de explicação centrada no conceito de parasitismo social. Sua tese é a de que todas as nações da América Latina sofreram as consequências do modo como foram colonizadas por Portugal e pela Espanha. Fundamentalmente o que se denuncia é a relação de parasitismo social em função da qual os países colonizadores, na condição de parasitas, prejudicaram profundamente as populações que viviam na América e que sofreram de modo brutal os efeitos do parasitismo. Muito significativo é o seu diagnóstico de que esse parasitismo, se nos atingiu duramente, não menos deixou de atingir os países parasitas que, de fato, sofreram-lhe os efeitos não acompanhando o ritmo de desenvolvimento que atingiu o restante da Europa. Na verdade, não chegaram a atingir a condição de sociedades industriais. Segundo Manoel Bomfim, essa tese, central em seu livro, nem sempre foi detectada pelos seus críticos e mesmo Sílvio Romero que lhe dedicou um livro, das mesmas proporções que o seu, não chegou a apreender-lhe o significado. Vale assinalar que o livro de Sílvio Romero foi editado na cidade do Porto, em 1900.

Manoel Bomfim ainda sustenta a tese de que o Brasil foi o primeiro país da América a se dotar da condição de individualidade. Por outro lado, foi-lhe peculiar a tese de que em nossa História devemos mais aos índios do que aos negros e aos próprios portugueses. Na verdade tanto os negros quanto os portugueses eram em número bem mais reduzido que o dos índios. Registre-se que essas duas observações aparecem desenvolvidas na Trilogia que escreveu sobre o Brasil, ou seja, em "O Brasil na América. Caracterização da Formação brasileira", L. Francisco Alves, Rio, 1929; "O Brasil na História. Deturpação das tradições: Degradação política", L. Francisco Alves, Rio, 1930 e "O Brasil Nação: Realidade da Soberania Brasileira", F. Francisco Alves, Rio, 1931. Resumindo o conteúdo dessa trilogia, ainda Manoel Bom



fim publicou "O Brasil", com nota explicativa de Carlos Maul, editado em São Paulo, Pela Companhia Editora Nacional em 1940.

Um dos trechos mais significativos do pensamento de Manoel Bomfim, encontramo-lo em "A América Latina". Revela o avançado de suas idéias no campo social e político e não passou despercebido a Evaristo de Moraes Filho em seu livro sobre "O Socialismo Brasileiro: Seleção e Introdução", E.U. de Brasília, 1981. O trecho, inspirado em Anatole France antecipa sob certos aspectos quer o pensamento de E. Bloch, quer o de A. Gramsci. Escreve, Manoel Bomfim: "Utopia ... Utopia ... repetirá a sensatez rasteira. Utopia sim; sejamos utopistas, bem utopistas, com tanto que não esterilizemos o nosso ideal, esperando a sua realização de qualquer força imanente à própria utopia; sejamos utopistas, contanto que trabalhemos. "Sem os utopistas de outrora (escreve Anatole France) os Homens viveriam ainda hoje, nas cavernas, miseráveis e nus. São os utopistas que traçaram as linhas da primeira cidade. Dos sonhos generosos saem realidades bem-fazejas. A utopia é o princípio de todos os progressos e o esboço de um futuro melhor" ... Deixemos às gentes conservadoras e refletidas o condenar e desprezar a utopia - Marthas absorvidas na banalidade comum, que o uso já mecanizou; queiram o que será a glória de amanhã". (A América Latina, p. 429).

Na área pedagógica Manoel Bomfim produziu duas obras básicas: As "Lições de Pedagogia" (L. Francisco Alves, Rio, 1915) e "Cultura e Educação do Povo Brasileiro" (Pongetti, Rio, 1932). Esta última foi totalmente ditada para Joracy Camargo, um mês antes de morrer e quando suas forças já não lhe permitiam escrever. Pois o tema dominante em toda a obra pedagógica de Manoel Bomfim é o da relevância da educação primária ou da educação popular. Em "Cultura e Educação do Povo Brasileiro", essa é a tese que ele defende, sustentando, inclusive, como grande erro, a política do Governo da República em entregar essa educação aos Estados. Pelo sentido eminentemente integrador dessa educação ela deveria ser incumbência do Governo da República e não dos governos estaduais. O texto, publicado em 1932, na realidade repete reflexões que datam dos idos de 1897 e isso é de extrema importância para que se possa detectar ou perceber o caráter avançado do seu pensamento. Em suas 118 páginas po-



dem-se registrar pensamentos em extremo, lúcidos, e, envolvendo profundas concepções filosóficas e sociais como, por exemplo, quando escreve, à página 45: "Qual outro meio - se não a instrução - de fazer compreender aos homens que eles não devem esperar o bem-estar e a prosperidade da força dos decretos, nem da fatalidade das leis econômicas, e sim do próprio esforço - do trabalho inteligente?" "A citação vale para mostrar sua íntima conexão com suas reflexões acerca das utopias que nunca descartam o trabalho como fator decisivo de suas concretizações. Também à pag. 65 escreve com extrema lucidez: "Hoje - e o texto era de 1897 - a pedagogia compreendeu que a missão da Escola não é fazer sábios, nem tão somente, implantar no espírito do aluno, uma certa dose de conhecimentos, mas sim, tomando de uma inteligência qualquer, torná-la apta a aprender. Ela instrui ensinando a estudar. Os conhecimentos que confere são antes um meio que um fim". Bastante significativa é sua reflexão sobre o verdadeiro sentido da liberdade exposta à página 58. Escreve Bomfim: "De que nos serve decretar o regime de liberdade se não sabemos compreendê-lo? ... A liberdade não se cria pela virtude de merífica das leis: enquanto a maioria dos brasileiros não estiver no caso de compreender os seus direitos e deveres cívicos, só teremos o governo da Nação como expressão de um poder pessoal". Sua decidida opção contra a relevância dos fatores raciais, tão do gosto de Oliveira Viana, Silvio Romero, Nina Rodrigues e Tobias Barreto e sua preferência pela importância da educação renovam-se no texto, à página 58 quando escreve: "O remédio contra tudo isso está exclusivamente na instrução popular, capaz de criar o que se pode chamar uma alma nacional, lúcida, sã, caracterizada e forte". Ou ainda, na página 41: "Sofremos, neste momento, uma inferioridade, é verdade, relativamente aos outros povos cultos. É a ignorância, é a falta de preparo e de educação para o progresso-eis a inferioridade efetiva; mas ela é curável, facilmente curável. O remédio está indicado: a necessidade imprescritível de atender-se à instrução popular". Acerca do significado da educação, ao longo do processo do desenvolvimento individual, a um terceiro período de desenvolvimento, na continuação do ser humano completo: gestação, aleitamento, educação. A educação é uma consequência natural da superioridade da organização nervosa do homem, como o aleitamento é uma consequência natural da organização biológica dos mamíferos. É



tão necessário educar a criança como aleitar o recém-nascido. Para o homem, tanto é condição de vida o alimentar-se o bebê, e garantir a formação completa do seu organismo, como dar à criança a educação, que lhe nutre a inteligência e permite a formação de seu espírito para a vida moral".

No domínio da educação, o outro texto significativo é: "Lições de Pedagogia" (L. Francisco Alves, 1915, Rio). No prefácio da 1ª edição (1915) (4ª ed. 1929) fornece Manoel Bomfim alguns dados históricos interessantes, envolvendo, inclusive, a história da psicologia que é o nosso assunto central. Escreve: "Desde que se criou a cadeira de Pedagogia na Escola Normal, há 18 anos (portanto, em 1897) foi ela desdobrada em dois cursos: um preparatório, de psicologia, feito na 3ª série e o de Pedagogia e Metodologia, professorado na 4ª série" (p. 5). "A última reforma, regulamentada há menos de um ano (portanto, em torno de 1914) reduziu taxativamente as duas disciplinas a um só curso, ensinando em um ano, com a recomendação explícita - de que a parte da psicologia se reduziria a noções perfunctórias ... Há tanta propriedade em fundir a psicologia na pedagogia, como em fazer desaparecer a ciência da fisiologia na arte da Higiene" (pag. 5). O livro na verdade é composto de resumos das suas aulas. Essa condição se repete em seu texto "Noções de psicologia". Assinale-se que na edição de 1917 (2ª edição) refere-se Manoel Bomfim a novo regulamento e a novos programas, separando a psicologia da pedagogia, e, entregando as duas disciplinas a professores diferentes. O livro "Lições de Pedagogia" está dividido em 24 capítulos assim distribuídos: 1º Introdução. A Pedagogia: objeto e de finição. O segundo capítulo versa sobre a doutrina geral da educação. O capítulo 3º está dedicado ao estudo do processo educativo. Inclui o estudo da imitação, da invenção, dos hábitos e sua correção. O quarto capítulo versa sobre cultura física e hábitos higiênicos. O quinto sobre ginástica. O sexto discorre sobre os métodos e processos gerais em pedagogia. O sétimo sobre a instrução primária e sobre as funções da escola. O oitavo concentra-se no estudo da pedagogia do conhecimento. O nono sobre condições da atividade mental. O décimo sobre a pedagogia da linguagem. O 12º sobre a metodologia da matemática. O XIII sobre a metodologia da Geografia. O XIV sobre a Metodologia da História. O XV sobre a Metodologia das ciências físicas e naturais.



O XVI capítulo sobre a metodologia das lições de coisas. O XVII sobre a metodologia dos trabalhos práticos. O XVIII sobre a pedagogia dos trabalhos manuais. O XIX sobre a moralidade: a escola e a formação moral. O XX sobre a vida afetiva; O XXII sobre a educação da vontade e constituição do caráter. O XXIII sobre o apuro do caráter e a organização do proceder. O XXIV sobre dor e prazer na educação e, finalmente, a conclusão, na qual se disserta sobre o problema da felicidade.

Finalmente, na área da psicologia - tema do presente texto - registramos uma contribuição excepcionalmente significativa. Nela Manoel Bomfim produziu diversos trabalhos dos quais, dois não tivemos oportunidade de localizá-los e nos escapam no que concerne à possibilidade de comentá-los. Referimo-nos a: "O Fato psíquico" e a "As alucinações auditivas do perseguidor". Por igual, nos escapa qualquer comentário a um trabalho intitulado "O respeito à criança". Não obstante, os dois mais importantes textos redigidos por Manoel Bomfim aparecem aqui comentados. Referimo-nos a "Noções de Psicologia" (Livraria Escolar, depositários, Cardoso C. Cia, Rio de Janeiro 1916) e "Pensar e Dizer", estudo do símbolo no pensamento e na linguagem" (Casa Electros, Rio de Janeiro, 1923). Desses, sem dúvida "Pensar e Dizer" se destaca como sua mais importante contribuição. Nele se contém, inclusive, dados preciosos acerca de seu engajamento na psicologia experimental e acerca das possibilidades de informação implicadas nos laboratórios de pesquisa. Efetivamente o que se registra é um certo desencanto pelas possibilidades da psicologia de Laboratório, de acordo com o que ele relata ter percebido em pesquisadores do porte, por exemplo, de Alfred Binet. Suas críticas à psicologia de laboratório como ele próprio a denomina, antecipam restrições que hoje registramos entre os etólogos. Na pág. 25, por exemplo, e se referindo especificamente a Binet, escreve Manoel Bomfim: "Paralelamente, Binet, um dos raros com quem a psicologia de laboratório realizou muita obra útil - o consciencioso Binet, fazia uma confissão idêntica, e desiludido da introspecção experimental, voltou-se finalmente para a psiquiatria e para a psicologia especulativo-metafísica. Foi a crise que levou Wundt, Wirchow e muitos sábios de laboratório para o dualismo". Manoel Bomfim refere-se à crise que se desencadeou na psicologia, crise que



ele atribuiu a pouca fecundidade do método experimental. Precisamente isso ele declara nas primeiras páginas de "Pensar e Dizer". À pág. 21, por exemplo, escreveu: "No entanto, reconhecêmo-lo: há dois decênios já, que a ciência do espírito vem de crise em crise, como se todos os métodos tivessem falhado, e, se nos ânimos estudiosos, houvessem aluído todas as esperanças ... Entendamo-nos: a crise apontada e acusada foi, tão-somente na psicologia de laboratório. É verdade que neste último meio século, os laboratórios pareciam ter monopolizado o estudo do espírito. O sucesso das pesquisas de Weber, Fechner, Wundt, Binet ... foram exaustivamente apregoados; formaram-se batalhões de medidores de limiar de consciência e tomadores de tempo de reação, com a insensata pretensão de captar, assim, grosseiramente, as atividades psíquicas, reduzindo-as a médias e curvas, organizadas a compasso de Weber e cronoscópio de Hipp". E em nota de rodapé, ainda escreve: "Em 1902 quando estive em Paris pela primeira vez, para conhecer de perto os métodos de estudos psicológicos, já era muito sensível a crise de descrença e desilusão nos laboratórios" (pág. 23).

Acerca ainda de insuficiência da psicologia de laboratório no que concerne à pesquisa do pensamento escreve: "A dinâmica do pensamento humano não poderia conter-se na estreiteza do Laboratório; deforma-se, anula-se. Mesmo as simples associações de idéias: melhor as conhecemos na análise de uma obra qualquer, naturalmente pensada e escrita, do que nas milhares de pesquisas que, para esse fim se fizeram. Tomem o Albatroz, ou mesmo o tico-tico, atem-no, já encerrado numa gaiola e, agora, tentem estudar-lhe a dinâmica do vôo! Pois, foi mil vezes mais insensata a pretensão de conhecer o conjunto do espírito, pelo que se obtém nas simples pesquisas a lápis e aparelhos. Tais pesquisas foram úteis; serão necessárias muitas vezes, porque o assunto tão complexo-o mais complexo a que se pode dedicar a mente humana, tem de ser apurado à luz de todos os métodos, com a contribuição de todos os recursos; mas evidentemente, dos métodos possíveis e aplicáveis, o mais insuficiente será sempre este: tomar um indivíduo, considerá-lo isoladamente, impor-lhe condições restritas e artificiais do laboratório, para inferir da sua consciência deturpada o regime normal no comum das consciências. Meditemos um momento, e desde logo se fará a convicção de que o espírito humano, complexo, essencialmente ativo e instável



como é, tem de ser estudado e compreendido nas formas normais e completas de suas realizações naturais. Ele existe e produz e se manifesta como atividade conjunta e coletiva; assim tem de ser compreendido e estudado". E completando com uma crítica à introspecção: "A introspecção, somente pura observação individual, que seja ou não trabalho de laboratório, nunca poderia dar a base completa das leis do espírito" (página 27). A longa transcrição deixa perceber não só a crítica ao artificialismo do laboratório como as suas limitações para efeito de se detectarem as condições reais do comportamento, conforme aliás afirmam os etólogos de hoje. Por igual, sublinha a relevância dos aspectos sociais inerentes às atividades humanas reafirmando essa tese em outro espaço. Escreve; "no homem, a atividade psíquica - a vida do espírito - é uma atividade formalmente socializada. Nem mesmo podemos abstrair o espírito do viver social" (pág. 28). Na pág. 29, ainda a propósito do método escreve: "Métodos complementares serão utilizados, mas o essencial se fará sempre na análise interpretativa dessa longa obra em que o espírito humano se tem revelado, como a própria realização das consciências. Baldwin, que não é apenas um professor de psicologia, senão um verdadeiro filósofo, sendo um dos mais seguros orientadores da psicologia exata e científica assim o entendeu". Vale que se recorde que o desencanto de Manoel Bomfim com relação ao método experimental ou como ele preferia, à psicologia experimental revela-se presente no texto da pág. 23, já reproduzido no tópico em que mencionamos a criação por ele do laboratório do "Pedagogium" em que realizou pesquisas durante 12 anos. Pelas suas declarações percebe-se, contudo, que não tinha uma adequada preparação para se dedicar com eficiência ao trabalho experimental. Um verdadeiro relatório dessas pesquisas encontramos no apêndice prometido no trecho citado da pág. 23. Tal relatório, está apresentado nas páginas 507/509 sob o título "O Tempo de percepção". Escreve Manoel Bomfim: "No correr de 1916, o laboratório do "Pedagogium" foi muito frequentado por um grupo de estudiosos, inteligentemente interessados pelas questões de psicologia.

Depois de algumas experimentações quanto à articulação da palavra, ação da vontade sobre o esforço muscular, associação das idéias ... pareceu possível estudar e pesquisar - a função do tempo da percepção pela vista.



O mais difícil, na disposição do material e da aparelhagem das experimentações, era obter um obturador seguro permitindo uma visão em condições aproximadas do normal. Conseguimos um, que dava a abertura de oito centímetros por quatro, durante, praticamente, dois centésimos de segundo ( $1/49$ ). As experimentações eram assistidas por quatro pessoas que tinham seguido o curso de conferências e os dois preparadores do laboratório. Fizeram-se duas séries de experimentações: uma para a visão de objetos em natureza, a outra para a visão de desenhos.

Das primeiras participaram seis dos assistentes, e que eram, além dos preparadores, dois estudantes de engenharia e duas normalistas diplomadas.

Os objetos dados a ver eram coisas comuníssimas, cuja percepção em condições ordinárias se fez sem nenhuma hesitação: livro, tinteiro, copo, ... peixe (empalhado), pássaro ... flor, fruto comum ... instrumentos usuais no laboratório ... Assim foi composto uma coleção de 60 objetos. O obturador estava disposto no fundo afilado, de uma caixa de forma piramidal, e cuja base, aberta, ficava bem em face do sujeito; este se colocava sentado, confortavelmente, à cabeceira de mesa, de tal sorte que, na ambiência comum do laboratório, com a luz ordinária, só se oferecia para a sua visão o fundo opaco da caixa, ou o que aparecia além do obturador quando este se abria. O obturador funcionava, aproximadamente, a 25 centímetros do plano dos olhos; para traz dele, em plena luz do dia, a um metro e meio de distância ficava um plano inclinado que ocupava todo o campo visual descortinado no obturador, e, sobre ele, os objetos que deviam ser percebidos.

Antes de registrar os resultados, cada assistente passou pela cadeira, e ensaiou ver e perceber através de abertura do obturador o bastante para que a visão assim perdesse o caráter de novidade. Começamos experimentando a percepção de um novo objeto, e verificamos que, nesse tempo de dois centésimos de segundo, um objeto comum, nas condições dadas, é sempre reconhecido. Apenas três das pessoas - uma vez cada uma - deixaram de ver; não foi o não reconhecer; mas o não estar devidamente atento para olhar. Tanto que a resposta foi, mais ou menos - "Ah! não vi!" ... Em tais condições, podemos desprezar essas três falhas, que, aliás, não foram com o mesmo objeto.



Com dois objetos - da mesma coleção: 8% das vezes foram percebidos ou reconhecidos os dois objetos, 13% das vezes, não foi reconhecido nenhum dos objetos. No restante das vezes, foi reconhecido apenas um dos objetos apresentados.

Não notei preferência sensível nos objetos reconhecidos, ou não reconhecidos; o fator mais importante era a posição do objeto ou o destaque de um sobre o outro. Mas, sobreveio, no tomarem-se os nomes dos objetos reconhecidos, uma circunstância tão importante, que me pareceu melhor - não insistir na experimentação, levando-a à percepção de três objetos: alguns dos sujeitos, principalmente o terceiro que era um sextoanista de medicina, preparador no laboratório, dava algumas das designações em circumlóquios. Se era uma escova, dizia - aquilo que limpa ... Se era tesoura - ela abria e fechava os dedos, no gesto de cortar ... Ao mesmo tempo, notava-se que ele dava os nomes e as indicações açodadamente. Era por isso, justamente, que lhe faltavam as designações: precipitava-se em indicar o que tinha visto e o indicava nos primeiros sinais que lhe acudiam à mente.

Há a assinalar, no caso, estes dois aspectos: ele simbolizava muitas idéias-objetos, em imagens motoras, em vez de imagem verbais; o obturador agia sobre a sua consciência numa sugestão de pressa: e era isso que o levava a dizer precipitadamente o que tinha visto. Não assinalei o fato explicitamente, para não criar um novo motivo turbador, mas sempre que repetia a experiência dizia: Pode dizer o mais calmamente possível.

Nos sujets subseqüentes, notava-se a mesma precipitação, as mesmas indicações por circumlóquios, se bem que menos acentuadamente. A sugestão de pressa tem, talvez, uma dupla origem: a rapidez do movimento do obturador e o receio de esquecer os objetos percebidos tão fugazmente. De todo modo, foi este um fator que interveio inesperadamente e sensivelmente modificou os resultados da experiência, panteando uma nova função do elemento-tempo.

Os desenhos eram todos em traços, nas dimensões de 6x7 centímetros, e representavam objetos e coisas triviais: um homem a cavalo, pássaro, escada de pedreiro, crescente, árvores, flor ... Apresentava-se - um de cada vez,



durante os dois centésimos de segundo. Serviram de sujets somente duas normalistas. D.S., brasileira de nascimento, fisionomia bem brasileira; Senhorita N. de origem polaca, educa da no Brasil. Foram ambas, do meu curso na Escola Normal e tinham notas equivalentes - boas alunas, sem destaque especial. Apresentado o desenho, em séries de seis, com dez minutos para repouso, perguntava-se - "que viu?".

No total: D.S. respondeu certo 64% de vezes, Senhora A. somente 52% de vezes. Mais importante do que o resultado é o fato seguinte: D.S. respondia invariavelmente, sem nenhuma exceção: Vi um ramo ... ou - uma mesa --- ou - nada. Ao passo que a Senhorita N. muitas vezes (aproximadamente 19% de vezes) respondia: Vi uns riscos, assim ... um como que quadrado ... Sem distinguir ou reconhecer o objeto, ela via, no entanto, qualquer coisa. Ao passo que a outra - ou percebia bem a realidade, ou nada via. Ora, a teoria clássica é a de que - o conhecimento perceptivo começa por uma análise, que é o reconhecimento dos dados sensoriais, que, à luz da experiência feita, se conformarão na síntese - percepção. São os conhecimentos no objeto, que precedem o - conhecimento do objeto. Essa análise será fugaz, fugazíssima; todavia afigura-se indispensável. Pois bem - D.S. percebia sempre em síntese; ou reconhecia um objeto ou portava-se como se não tivesse sido impressionada pelos desenhos.

Outros motivos fizeram suspender o curso dessas experimentações; mas, ainda sem esta interrupção, não teríamos podido tirar delas nenhuma conclusão explícita, se não a indicação de novas dificuldades.

O último período do longo trecho transcrito comprova o que dissemos antes, ou seja, de que realmente, faltava a Manoel Bomfim um domínio adequado da pesquisa experimental. De qualquer modo, como registra Lourenço Filho, vários relatórios de pesquisa chegaram a ser publicados pelo eminente sergipano.

"Pensar e Dizer" compõe-se de 509 páginas contendo, ao todo, dezoito capítulos, ao longo dos quais estuda: (1) a função de simbolização; (2) Mecanismo mental dos símbolos; (3) A simbólica das idéias; (4) A simbólica subjetiva; (5) Função do símbolo; (6) Símbolos de conjuntos; (7) Símbolos sugestivos; (8) Símbolos estéticos; (9) Simbólica na literatura;



(10) Condições de comunicação das consciências; (11) A consciência refletida; (12) Pensamento e expressão; (13) O símbolo verbal; (14) O labor mental; (15) O pensamento na expressão; (16) Caracterização da linguagem; (17) o lexicon; (18) O purismo gramatical.

A bibliografia citada é extremamente rica e bastante atualizada para a época em que o livro foi escrito. As considerações centradas na natureza da linguagem, no problema das relações entre a linguagem e o pensamento, na temática da afasia, por exemplo, revelam-se extremamente informativas. Particularmente no que se refere à afasia apoia-se Manoel Bomfim no clássico estudo realizado por Bernheim, publicado no "L'Année Psychologique" de 1907.

No que se refere ao texto publicado sob o título "Noções de Psicologia", afirma Manoel Bomfim, como já tivemos ocasião de assinalar, ter resultado dos resumos de seus cursos na Escola Normal. Com 307 páginas, contém 24 capítulos dos quais o último está dedicado ao estudo do caráter, personalidade e tradição social. Nele prevalecem dados recolhidos de Ribot, Malapert, Paulhan e Claparède. A temática coberta nos capítulos citados é: (1) estudo do objeto da psicologia, com destaque concedido ao conceito de síntese. Também a classificação dos fenômenos psíquicos é considerada. (2) Estudo das condições orgânicas dos fatos psíquicos. (3) considerações sobre os conceitos de consciência e atenção. Aqui, a influência predominante é a de James. (4) Estudo das atividades sensoriais. (6) estudo dos aspectos gerais na consciência das sensações. Aqui o tema central é a análise das contribuições de Weber e Fechner. Subscreeve-se ainda a distinção entre sensação e percepção, afirmando-se representar a primeira o conhecimento sobre os objetos e a percepção conhecimento do objeto. (7) Centrado no estudo da inteligência e em particular no da percepção. (8) Estudo do tempo e do espaço. (9) Sobre a organização da experiência; (10) Versa sobre a Ideação. (11) Estudo da imagem e da imaginação. (12) Análise da elaboração do conhecimento racional, juízo e raciocínio. A temática aqui, portanto, é a da análise do pensamento. (13) Estudo da memória e da associação de idéias. (14) Sobre a afetividade. (15) Estudo das tendências e inclinações. (16) Análise da simpatia. (17) Composição e formas dos estados afetivos. (18) Sobre a vontade. (19) Sobre a volição. (20) Normalização da atividade consciente. (21) Sobre o desenvolvimento psíquico da



criança. (22) O Estudo da Imitação, invenção e correção encerra o volume. Vale assinalar que a temática do sentimento e da vontade ele já a havia considerado nas lições de Pedagogia.

Manoel Bomfim foi, efetivamente um auto-didata. Em que pese sua passagem pelos laboratórios de Dumas, sua formação se fez à base das leituras que realizou. Chamado de mestre por Maurício de Medeiros ele, de fato o foi ao longo dos anos em que atuou, quer no "Pedagogium", do qual se tornou diretor, quer na Escola Normal onde, por igual, foi por algum tempo diretor.

## II - A CONTRIBUIÇÃO DE MAURÍCIO CAMPOS DE MEDEIROS (1885/1966)

Irmão mais moço de Medeiros e Albuquerque, psiquiatra, psicólogo e educador, esteve ligado tanto ao "Pedagogium", quanto à Escola Normal para cuja docência chegou a escrever tese sobre os "Supranormais", publicada em 1930 pela Editora da Vida Doméstica, mas de fato não defendida por decorrência de suas atividades como político. Na Faculdade de Medicina na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi catedrático de psiquiatria, como tal realizando notável trabalho, inclusive para introdução da psicanálise no ensino universitário quando confiou a Danilo Perestrelo (docente livre de formação psicanalítica) a tarefa de dar um curso centrado nas idéias freudianas. Assinala-se que M. Medeiros antes de se converter em catedrático de psiquiatria, lecionou duas outras disciplinas na mesma Faculdade, tendo sido durante largos anos médico-psiquiatra do Hospital Nacional de Alienados. Membro da Academia Nacional de Medicina chegou a deputado e a Ministro da Saúde. Tal como Manoel Bomfim buscou também consolidar seus conhecimentos de psicologia frequentando o Laboratório de George Dumas e cursando suas aulas de psicologia normal na Sorbonne. Foi sob a direção ou pelo menos sob a influência de Dumas que elaborou sua tese de doutorado sobre "Os Métodos da psicologia", apresentada e defendida na Faculdade de Medicina em 1907. Ainda sob a influência de Dumas instalou o que ele próprio considerava o segun



do laboratório de psicologia experimental no Brasil (o primeiro teria sido o de Bomfim) fazendo-o funcionar no já citado Hospital Nacional de Alienados. A aparelhagem que compunha o Laboratório, segundo afirma Plínio Olinto, tinha sido encomendado por Juliano Moreira sob a inspiração de Dumas e com ela muitos trabalhos de pesquisa teriam sido realizados. Tais trabalhos segundo Medeiros se perderam na sua totalidade. Conforme sustenta Plínio Olinto, ele próprio trabalhou durante dois anos nesse laboratório onde, inspirado Claparède elaborou sua tese de doutorado sobre a associação de idéias em sujeitos normais e depois um outro trabalho sobre diagnóstico diferencial entre hebefrênicos e periódicos. Tal trabalho foi publicado nos Arquivos Brasileiros de psicologia, Psiquiatria e Medicina Legal, Ano VII, nº 1 e 2.

Sobre a tese de doutorado de Maurício de Medeiros, tivemos oportunidade de examiná-la na Biblioteca da Academia Nacional de Medicina. Nela distinguia a Introspecção, os métodos de observação normal e patológica, o método comparativo e o método experimental, por igual aplicado tanto em sujeitos normais como em portadores de patologias. Refere-se ao recurso do interrogatório utilizado por Dumas, que operava com um colaborador oculto que registrava o que de mais importante lhe parecesse nos depoimentos apresentados pelos sujeitos. Destaca como recursos extremamente valiosos os fornecidos pela linguística e pela Crítica Literária. Obviamente Wundt e Max Muller aparecem convenientemente citados. Refere-se aos Laboratórios de Janet, sem grandes recursos instrumentais, funcionando anexo à Clínica do Prof. Raymond, na Salpêtrière e ao de Dumas, anexo à Clínica de Jouffroy, em Saint'Anne. Revela-se, por outro lado, extremamente impressionado com o Laboratório de Kraepelin, em Munich, pela riqueza da aparelhagem utilizada. Segundo observa Maurício de Medeiros o emprego dos instrumentos utilizados no campo da psicologia experimental só se revelaram efetivamente à nível de psicologia normal.

Maurício de Medeiros produziu ao longo de sua atividade docente e clínica boa quantidade de trabalhos, cabendo citar-se, dentre eles, a "Psicoterapia e suas modalidades", publicado em 1929; a tese sobre os "supranormais", publicada em 1930, e os "Aspectos da Psicologia Infantil", editado em 1952 pela L. José Olímpio. Este, dividido em



nove capítulos compõe-se de temas não vinculados entre si. Na verdade o livro trata: (1) dos aspectos de psicologia infantil, que dá o título do livro; (2) do mundo imaginário da criança; (3) da evolução psicológica da infância e desajustamentos infantis; (4) do exame psíquico em Clínica Geral; (5) do significado da Medicina psicossomática; (6) da Gênese e evolução da psiquiatria; (7) dos milagres da psiquiatria moderna; (8) das neuroses, e psicoses em climatério feminino e finalmente (9) da psiquiatria e Direito.

A bibliografia consultada não é mencionada a não ser, eventualmente no próprio texto, Mas percebe-se o quanto Maurício de Medeiros estava atualizado especialmente em alguns dos capítulos do livro nos quais aparecem referências a Susan Isaacs, a Weiss (no que concerne à Medicina psicossomática), ao psicanalista argentino Arnoldo Rascowsky, e a tantos outros que produziram significativas contribuições para o desenvolvimento da psicologia e da psicanálise. Também sua convivência com os grandes filósofos é facilmente notada por referências a Platão, Hegel, etc. Com base na obra da Dr. Susan Isaacs apresenta M. Medeiros o dez mandamentos da educação infantil que vale que se transcreva aqui: (1) não digas a uma criança "não faças isso", sem lhe dares outra coisa a fazer; (2) não digas que uma coisa é má, apenas porque ela te aborrece; (3) não fales das crianças em sua presença, nem penses que elas não escutam, não observam, nem compreendem; (4) não interrompas o que uma criança está fazendo sem avisá-la previamente; (5) não demonstres inquietação quando a criança cai, ou não quer comer, etc. Faze o que for necessário, sem te agitares nem te alarmares; (6) não demonstres amor pela criança acariciando-a constantemente. Faze-o, ocupando-te de seus interesses; (7) não leves uma criança a passeio; vai passear com ela; (8) não faças sermões morais à criança pequena; (9) não faltes às tuas promessas, nem prometas o que não podes fazer; (10) não mintas para uma criança.

No segundo capítulo de seu "Aspectos da Psicologia Infantil" concentra-se Medeiros na comparação entre primitivos e civilizados consagrando a tese da recapitulação da espécie pelo desenvolvimento individual e desenvolvendo considerações sobre as relações entre a criança e o primitivo. O capítulo, contudo, estende-se mais sobre o problema da imaginação e destaca a relevância da imaginação criadora. Sobre a importância do mundo imaginário para a criança considera-a Medei-



ros ao afirmar que ele atende a três grandes aspectos da evolução mental em sua fase infantil: (1) atende ao seu pensamento mágico, segundo o qual o mundo que a cerca é dotado de vida e animado como o próprio homem; (2) multiplica os efeitos de sua experiência sensível, repetindo pelas imagens criadas, dados das percepções que ela acumulou; (3) serve à sua necessidade de ação, recompondo com formas novas as imagens que a sua experiência sensorial fornece (pág. 49).

O terceiro capítulo desenvolve o tema da evolução psicológica da infância e analisa os desajustamentos infantis. O texto é um comentário à margem do curso sobre "psicopatologia da infância" que organizou o Instituto de Psiquiatria com o objetivo de: (1) preencher a função dos cursos de extensão universitária incentivados pela própria Universidade; (2) desenvolver tema capaz de interessar a um grande público. O curso, assim organizado, não foi lecionado por Medeiros. Entregou-o ao ilustre Dr. Bueno de Andrade, psiquiatra já aposentado. Medeiros resume o curso dado mostrando que o que se procurou fazer foi fixar os pontos fundamentais da psicologia normal da criança de modo a facilitar a compreensão dos problemas de significado psicopatológico. Entre as questões mais significativas desenvolvidas figuram a das diferenças entre o fenômeno fisiológico e o psíquico; a do sentido eminentemente sinérgico com que opera o organismo; a da constância ou variação do Q.I.; a da hereditariedade de inteligência com discussões centradas nos trabalhos de Newmann, Freeman e Holzinger; a das diferenças envolvendo o sexo, citando-se, a propósito, trabalho do Dr. Arlindo Vieira Ramos; a do desenvolvimento da linguagem, com especial destaque concedido aos seus distúrbios, de resto, estudados em função de quatro grupos: a mudez congênita, as disartrias, a anartria e a afasia; a dos desajustamentos em que Medeiros se apoia em B. J. Snyder e W.V. Snyder.

O quarto capítulo estende-se sobre o exame psicológico na clínica geral. Na verdade o que se propõe é um roteiro com a fixação dos principais aspectos psicológicos a serem registrados no paciente. Entre os aspectos considerados relevantes inclui M. Medeiros: (1) a observação do estado do paciente - se excitado, deprimido ou apático - especialmente detectado através de sua expressão fisionômica; (2) se há distúrbios de linguagem; (3) se há lógica em sua exposição; (4) se há variação na expressividade e (5) se é fluente. Sobre as



grandes funções psíquicas cabem sejam observadas as associativas, as intelectuais, as afetivas e as volitivas. Também as funções da memória devem ser consideradas. Há, a esse respeito, referências a Ebbinghaus e a Freud, bem como ao método das associações de Jung.

O quarto capítulo discorre sobre a Medicina psicossomática. M. Medeiros expõe rapidamente a história da medicina destacando, em primeiro lugar, a época de Virchow quando a lesão era o fenómeno principal. Refere-se, em seguida a Pasteur definindo-o como o iniciador da época microbiana. Fixa-se, em seguida, na preocupação com os biotipos. No que toca, especificamente à Medicina psicossomática parte da definição de Osler em que ela é apresentada "como a parte da Medicina que se ocupa dos mecanismos emocionais e físicos apresentados nos processos mórbidos do indivíduo com aceitação particular da influência que estes dois factores exercem reciprocamente um sobre o outro e sobre o indivíduo considerado como um todo" (pág. 145). Segundo M. Medeiros o que essencialmente a Medicina psicossomática nos ensina é a introdução de um novo elemento na sequência histórica da medicina de modo a anunciá-la da seguinte forma: do distúrbio psíquico nasce a disfunção, desta a doença celular e desta a alteração estrutural. Vale que se assinala que a grande fonte de Maurício de Medeiros é o clássico tratado de "Medicina Psicossomática" de Weiss. É neste texto, ainda, que aparecem referências à "Psychosomatic Medicine" e ao Dr. Arnaldo Rascowsky.

A tese com que se inscreve no concurso de docente da Escola Normal tem como tema, conforme já adiantamos, os "Supra-normais". Na explicação que a precede afirma M. Medeiros que era docente efetivo de Psicologia na Escola Normal mas foi posto em disponibilidade pela lei que suprimiu os cargos de docentes na citada Escola. Tão logo se anunciaram, contudo, a realização de concursos, sentiu-se obrigado a fazê-lo. Não o fez, todavia, mas inscreveu-se e redigiu sua tese em que trata de normais e anormais. O trabalho divide-se em três capítulos: (1) normais e anormais; (2) Supra-normais: suas características; (3) Supra-normais; estudo prático. Cobre 62 páginas das quais, efetivamente 49 de texto. São citados Compayré, Baldwin, T. Tarde e Bonfim, este chamado por M. Medeiros "nosso mestre".



O texto de "Casamento e psiquiatria" publicado em "Anhembi" vol. 22, nº 65, abril, desenvolveu-se no campo da medicina legal - elo entre a medicina e o direito. Trata do casamento, idade, exames pré-nupciais etc. Há expressa referência à lei da herança mórbida (14-07-33) na Alemanha, em função da qual se considera para fins de esterização as seguintes entidades mórbidas: oligofrenia congênita; esquizofrenia, psicose maniaco-depressiva, epilepsia, Coreia, Cegueira hereditária, surdez hereditária, graves deformações, alcoolismo. M. Medeiros chama a essa lei de sãbia.

Pessoalmente conhecemos Medeiros. Tivêmo-lo como examinador em um de nossas docências. Isso ocorreu em 1960, seis anos antes de ele falecer. Já a essa altura faltava-lhe a vivacidade. De qualquer modo sua trajetória no ensino da psicologia foi bastante significativa.

### III - A CONTRIBUIÇÃO DE PLÍNIO OLINTO (1886-1956)

Seguramente foi Plínio Olinto o primeiro historiador da psicologia no Brasil. De fato cabe-lhe o mérito de ter escrito em maio de 1944, na Imprensa Médica, Ano XX, nº 365 o trabalho intitulado "A Psicologia Experimental no Brasil". No seu texto, de resto, de poucas páginas, destaca como contribuição pioneira a de Henrique Roxo que, em 1900, sob a orientação de Teixeira Brandão, defendeu tese de doutorado em medicina com o trabalho intitulado "Os Atos psicológicos elementares nos alienados". O trabalho constou de um estudo sobre as sensações em doentes assistidos na Clínica neuropsiquiátrica, usando o psicômetro de Buccola e outros aparelhos arranjados na ocasião. Entre outras informações já registradas neste estudo, recorda Plínio Olinto que o Laboratório instalado por Manoel Bomfim em 1906 contou com muitos aparelhos destinados à pesquisa experimental selecionados por indicação de Alfred Binet e adquirido pela Prefeitura do Distrito Federal graças a Medeiros e Albuquerque. Como assinala Plínio Olinto contava no começo do século a cidade do Rio de Janeiro com dois laboratórios: o do "Pedagogium" e o do "hospital Nacional de psicopatas, este, como registramos páginas atrás, adquirido sob a inspiração de Dumas e efetivamente encomendado por Juliano Moreira. Foi neste Laboratório



rio que Plínio Olinto trabalhou durante dois anos e publicou dois trabalhos que resultaram de suas pesquisas. Em 1916, depois de ter lecionado um curso de psicologia experimental no "Pedagogium" ingressa por concurso na Escola Normal onde trabalha ao lado de Manoel Bomfim dando cursos de psicologia. Tais cursos duraram até 1930. Tanto o Laboratório do Hospital como o do "Pedagogium" tiveram Plínio Olinto como assistente voluntário, na medida em que visava aperfeiçoar-se no manejo dos métodos da psicologia experimental. No "Pedagogium", inclusive, realizou um ensaio sobre a fadiga intelectual nos escolares, publicado em 1913 na Revista de Pedagogia, Educação e Pediatria, nº 3, ano 1, citado inclusive na Psicologia da Infância de Claparède. Em 1921, quando da estada no Rio de Janeiro do grande Henri Pieron, funcionou como seu assistente voluntário em um curso dado pelo eminente mestre francês no auditório da Policlínica do Rio de Janeiro. Em 1923 Gustavo Riedel adquiriu na Europa outro laboratório completo de Psicologia experimental que mais tarde foi instalado na Colonia de psicopatas no Engenho de Dentro e entregue à direção de Waclaw Radecki conforme se registra em publicação anterior. Plínio Olinto, contudo, não se integra à equipe que colaborou com o psicólogo polonês, segundo declarou em seu texto, por não concordar com a doutrina do discriminacionismo afetivo. Não obstante, realizou na Colonia várias pesquisas e uma delas acha-se publicada nos Anais da Colonia. O trabalho citado contou com a colaboração de Brasília Leme Lopes que posteriormente se dedicou a hematologia e ingressou na Academia Nacional de Medicina como membro honorário. Brasília Leme Lopes inclusive foi quem construiu o aparelho denominado de Proxímetro com o qual se realizaram pesquisas de atenção. Assinala Plínio Olinto que com a retirada de Waclaw Radecki o laboratório da Colonia se transfere para nova sede situada no edifício Nilomex tendo Nilton Campos como seu chefe. Relata Plínio Olinto que um outro laboratório foi montado na Divisão Médica da Aeronáutica do Exército onde se destacaram as pesquisas de A. Bretas. Também Porto Carrero realizou, no Hospital da Marinha, várias pesquisas sobre aviadores. Quando em 1932 se fundou o Instituto de Educação, Plínio Olinto forneceu lista de aparelhos com que desejava trabalhar em seus cursos de psicologia. Conta Plínio Olinto que Fernando de Azevedo cortou essa lista pela metade e com essa meia lista constituiu-se um gabinete de Psicologia experimental que prestou relevantes serviços.



A Liga Brasileira de Higiene Mental teve também o seu laboratório que o casal Fessard organizou e fez funcionar durante sua permanência no Brasil. Olinto ainda se refere ao Seminário brasileiro de psicologia que durante mais de oito anos reunia, sem quaisquer condições formais, sem laboratório, etc, um grupo de psicólogos que desejava estudar. Em 1935 esse grupo deu origem ao Centro de Pesquisas educacionais da municipalidade, que era dotado de boa aparelhagem. No ano de 1936, na Universidade do Distrito Federal e precisamente na Escola de Economia e Direito Etienne Sourian tendo como assistente Plínio Olinto ministrou um curso de Psicologia do trabalho como demonstrações práticas. O programa do mencionado curso acha-se publicado no volume editado em 1935 pela Universidade do Distrito Federal contendo inclusive informações sobre admissão dos candidatos. Segundo se lê, o curso de Psicologia do Trabalho estava dividido em quatro grandes tópicos em que o tema trabalho aparecia mencionado de uma forma muito pouco explícita. Segundo consta do volume editado pela Universidade, Sourian ainda teve como assistente Nelson Romero. Este nós chegamos a conhecê-lo na condição de professor de latim e nas poucas conversas que com ele tivemos percebemos certa hostilidade para com a psicologia de laboratório, como frequentemente se designava a psicologia experimental da qual não esperava nada de relevante. Dele também ouvimos expressões de desaprovação ao trabalho de Radecki a quem se referia como tendo sido um ex-bedel de Claperède.

Plínio Olinto ainda se refere ao laboratório de fisiologia dos irmãos Osório de Almeida onde, segundo afirma, foram realizadas, também, muitas pesquisas no domínio da psicologia.

Na medida em que seu estudo sobre a História da Psicologia Experimental cobria todo o Brasil registramos algumas informações sobre o que se passou em São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Segundo Olinto, em São Paulo, o movimento da psicologia esboçou-se em 1914 com os trabalhos de Pizzoli. Quando se retirou o citado professor italiano, vários discípulos deram continuidade à sua obra podendo-se citar Cyridião Buarque, Clemente Guaglio e Sampaio Dória que produziram trabalhos até 1923. Daí em diante a figura do minante é a de Lourenço Filho. Assim é que já em 1922 publicava Lourenço Filho na Revista de Educação de Piracicaba Ano



I vol II um estudo sobre atenção escolar feito na Escola Normal dessa cidade. Tais estudos tiveram prosseguimento em 1922/1923 na Escola Normal de Fortaleza e finalmente na Escola Normal de São Paulo, em 1925 quando Lourenço Filho assumiu a cadeira de psicologia e com ela a direção de um laboratório. Tendo como assistente, desde 1927 a professora Noemy da Silveira iniciou a revisão da escala Barreto Lima e os primeiros estudos sobre o teste ABC. Tais estudos, também feitos sob sua orientação no Liceu Rio Branco, foram continuados pelos seus discípulos. Finalmente, já na direção da Escola de professores do Instituto de Educação do Distrito Federal e já coordenador da cadeira de psicologia continuou Lourenço seus estudos com a ajuda de Heloisa Marinho.

Plínio Olinto doutorou-se em Medicina em 1910 com tese sobre psicologia. Intitulada "Contribuição ao estudo da associação das idéias", a tese contém nota explicativa em que exalta o incentivo recebido de Juliano Moreira. O texto começa com uma das classificações das associações de idéias, proposta por Kraepelin (1892) e Aschaffenburg (1896). Estende-se, em seguida sobre os métodos de estudo. "Os nossos ensaios" constitui o capítulo seguinte incluindo uma série de observações. Finalmente, como se exigia na época, uma série de proposições destacando a importância da tese em várias disciplinas do curso médico.

Em 1918 publica Plínio Olinto, em edição da Livraria Francisco Alves, no Rio de Janeiro suas "Notas de Pedagogia e de Psicologia Normal e Patológica". Conforme o autor "Notas de psicologia nada mais é do que um conjunto de estudos, muitos dos quais já publicados, feitos em diferentes épocas e que resolvemos agora reunir em volume. Eles não obedecem a um método, nem são uniformes no estilo. Representam algumas idéias conhecidas, sobre as ligações entre o ensino e a mentalidade. É por isso que aqui se lêem coisas que interessam a professores e médicos, ou melhor, a candidatos a professor e a médico, o que é natural, porque, hoje em dia, nas escolas, cada vez é maior a dependência mútua que entre um e outro se estabelece, principalmente quando a curiosidade de ambos se abeira do domínio da psicologia" (p.5).

Plínio Olinto foi bastante fértil em publicações. A ele devemos uma Introdução à psiquiatria, editada em 1930 pela F. Brigniet & Cia, no Rio de Janeiro. No final do li-



vro aparece uma relação de trabalhos produzidos entre 1911 (sua tese de doutorado) e 1930, num total 33. Em 1936, editado pela Editora Guanabara aparece a 2ª edição de sua Psicologia. Trata-se de um trabalho de 325 páginas dividido em 36 capítulos. Em 1939 publica sua "Higiene Mental" pela Editora Guanabara, livro dividido em 14 capítulos com o total de 151 páginas. Além desses livros produziu boa quantidade de trabalhos como: (1) Educação psíquica, nos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, nºs 1 e 2, ano XII de janeiro a junho de 1939; (2) O diagnóstico diferencial entre alguns casos de demência precoce com loucura depressiva, nos Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, nº 1 e 2, ano VII, Rio de Janeiro, 1911; (3) A Higiene Mental e suas relações com o Urbanismo, nos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, nº 1, ano XIII, 1941; (4) Notas de Semiologia Mental, nos Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, nº III, ano XI, 1915; (5) Relatório sobre a assistência a alienados do Rio da Prata, nos Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, Ano IX, 1913; (6) Recensão de sua "Psicologia", feita por O. Loudet, em "Psiquiatria y Criminologia", Ano I, nº 1 e 2, Buenos Aires, 1936; (7) Tese de docencia, publicada em 1914 sob o título "A Constante de Ambard na Demência Precoce", tipografia do Jornal do Comércio, Rio de Janeiro; (8) Higiene Mental na Ginecologia, Anais Brasileiro de Psicologia, Vol. 11, março de 1941, nº 3 Rio de Janeiro; (9) Psicologia e Orientação profissional, publicado em 1930, sem indicação de editor; (10) O Homem e a Mulher, estudo psicológico, conferência feita sob os auspícios da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, Rio de Janeiro, tipografia do Jornal do Comércio, 1922.

Muitas outras publicações deixam aqui de ser citadas. De qualquer modo é para concluir, vale que se registre que Plínio Olinto foi chefe da Cadeira de Psicologia, em substituição a Lourenço Filho, no Instituto de Educação e foi docente da Faculdade de Medicina.



#### IV - A CONTRIBUIÇÃO DE LOURENÇO FILHO (1897-1970)

Sem dúvida foi Lourenço Filho o mais importante psicólogo brasileiro da primeira metade e parte da segunda metade do século atual. Nele se aliaram a extrema cultura na área da educação e da psicologia. Nesta, incursionando, de maneira brilhante, no domínio da psicologia social, com o seu notável estudo intitulado "Joazeiro do Padre Cícero", publicado em São Paulo, pela Editora Melhoramentos, em 1926, além de se revelar sempre, um administrador dotado de excepcionais qualidades. Foi, também, um excelente historiador da psicologia no Brasil, publicando, a esse respeito, dois textos realmente muito informativos. O primeiro, intitulado "A psicologia no Brasil", foi publicado em "Ciências sociais no Brasil", coletânea organizada por Fernando de Azevedo e editada pela Editora Melhoramentos. O segundo cobre o desenvolvimento da psicologia no Brasil nos últimos 25 anos. De resto seu título é, precisamente, "A psicologia no Brasil nos últimos 25 anos". Claro que os 25 anos se contam a partir da data de sua publicação. Na realidade, foi publicado no "Informativo" da Fundação Getúlio Vargas, em 1969. Também na área da história, mas envolvendo a psicologia em toda a América e obviamente interessando o Brasil, publicou "O pensamento de Ribot na psicologia sul-americana" resultante de comunicação feita na Sorbonne em 22/06/1939, por ocasião da sessão comemorativa dedicada a Ribot. Todos os três trabalhos foram reimpressos pelos "Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada", volume 25 do ano de 1971, como homenagem póstuma prestada ao grande mestre. Nesse volume reproduzem-se mais oito trabalhos de Lourenço Filho, escolhidos dentre os numerosos que produziu em sua fértilíssima atividade de docente e pesquisador. Tais trabalhos foram: (1) Contribuição ao estudo experimental do hábito; (2) O pensamento de Ribot na psicologia sul-americana; (3) Orientação e Seleção Profissional; (4) Maturação e aprendizagem da leitura e da escrita; (5) Orientação em um país latino-americano em rápida industrialização: Brasil; (6) Brasil: exames tradicionais e ensaios de reforma; (7) Problemas de orientação profissional; (8) Objetivos do ensino. No mesmo volume reimprime-se o estudo de Iva Waisberg Bonow, catedrática do Instituto de Educação, sob o título "Atualidade de Lourenço Filho", trabalho que foi escrito para integrar o livro "Um educador brasileiro", editado pela Editora Melhoramento em 1958, em homenagem ao ilustre mestre. O trabalho de Iva



Waisberg Bonow apoiou-se não só em sua experiência de ex-aluna de Lourenço Filho, como no magnífico verbete intitulado "A Psicologia", escrito pelo mestre para a Enciclopédia Delta-Larousse, na época, ainda inédito e com o total de 104 páginas.

Lourenço Filho teve inicialmente formação de professor primário e exerceu esse tipo de atividade em Porto Ferreira, cidade do interior de São Paulo, onde nasceu. Sua formação, contudo, se fez na cidade de Pirassununga, igualmente no Estado de São Paulo, em 1916. Nesse mesmo ano ingressa na Escola Normal secundária de São Paulo cursando dois anos de estudos complementares. Exerce, por essa época, o jornalismo, no diário "O Comércio de São Paulo". Em 1917 matricula-se na Faculdade de Medicina visando a formação psiquiátrica. Abandona, todavia, os estudos, graduando-se finalmente em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1929. Acontecimento importante em sua vida foi a experiência como professor da Escola Americana, dado que teve, então, a oportunidade de acesso a uma extensa biblioteca integrada de livros de Psicologia e Psicologia Educacional de procedência americana. Foi professor substituto de psicologia e pedagogia da Escola Normal primária de São Paulo. Igualmente foi professor das mesmas disciplinas na Escola Normal de Piracicaba. Em 1922, por solicitação do governo do Ceará é comissionado para reorganizar o ensino público nesse Estado, onde permanece até 1924. Nesse ano reassume sua cadeira na Escola Normal de Piracicaba. Em 1925, torna-se professor de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de São Paulo. Em 1926 organiza a Biblioteca de Educação, primeira grande coleção de textos de divulgação pedagógica no país. A responsabilidade de editar essa Biblioteca foi da Editora Melhoramentos. Em 1930, é nomeado Diretor-geral do Ensino do Estado de São Paulo. Em 1932, colabora no Rio de Janeiro, com Fernando de Azevedo e com Anísio Teixeira, organizando o Instituto de Educação e sendo seu primeiro Diretor. Em 1934, converte-se em Professor de Psicologia Educacional da Universidade de São Paulo. Em 1938, organiza e dirige o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, o INEP. Em 1939 torna-se catedrático de Psicologia Educacional da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1946, deixa a direção do INEP para assumir a cadeira da Faculdade Nacional de Filosofia. Em 1947, torna-se Diretor-geral do Departamento Nacional de Educação e planeja e dirige a



Campanha Nacional de Educação de Adultos. Em 1949, juntamente com Mira y Lopez, funda a Associação Brasileira de Psicologia e é eleito seu Presidente. Seu último trabalho foi o de presidir a comissão que organizou o programa de pós-graduação em psicologia no ISOP, da Fundação Getúlio Vargas. Precisamente a morte o atingiu antes do término das atividades dessa Comissão. Vale assinalar que todos esses dados foram minuciosamente organizados por Monique Augras e consta do volume dos Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada publicado em sua homenagem.

Vale que se sublinhe que sua passagem pela Escola Americana permitiu-lhe uma intensa absorção dos grandes educadores e psicólogos norte-americanos como, por exemplo, Dewey. Essa convivência com os autores citados constituiu a base que lhe permitiu escrever o notável livro sobre "A Escola Nova", obra imediatamente traduzida para o espanhol pela Editora Labor e com imensa repercussão na América Latina e, mesmo, na Europa. A segunda edição, por exemplo, foi prefaciada pelo grande Paul Faunconnet, professor de Pedagogia da Sorbonne que, inclusive, adianta dois dados extremamente significativos sobre a figura do grande mestre brasileiro. Assim é que concede grande destaque a influência que recebeu de seu professor A. de Sampaio Dória a quem Lourenço, de resto, dedica o livro; em segundo lugar dá grande relevo à criação por ambos - Lourenço e Sampaio Dória - da Escola Rio Branco, espécie de Escola experimental onde Lourenço realizou excelente trabalho de pesquisa. No prefácio, Faunconnet apenas lamenta que Lourenço Filho não tenha concedido bastante relevo as duas características básicas da chamada Escola Nova: (1) a sua condição de movimento de oposição ao intelectualismo dominante nas escolas tradicionais, ou seja sua condição de movimento anti-intelectualista; (2) o dogma essencial da Escola Nova centrado no respeito à liberdade da criança.

O livro cobre, na edição da Editorial Labor, 232 páginas e está dividido em cinco capítulos: (1) que se deve entender por Escola Nova?; (2) Os Sistemas de educação renovada, (Sistemas empíricos de experimentação e ensaios); (3) Os Sistemas de educação renovada (os sistemas de aplicação científica); (4) Os Sistemas de educação renovada; (5) Questões gerais de aplicação. Uma extensa bibliografia é citada dela participando grandes nomes da filosofia, da psicologia e da educação.



No domínio estrito da psicologia educacional legou-nos dois textos mimeografados, resultantes dos apontamentos tomados por seus alunos. A edição, não oficial, é óbvio, foi do Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia. O primeiro deles é o curso de "Psicologia Educacional". O segundo versa sobre a "adolescência". Ambos revelam-se excelentes lamentando-se que o Mestre não os tenha reestruturado visando a uma publicação oficial. Deles, inclusive, nos valem quando fomos aluno do chamado curso de didática, da Faculdade Nacional de Filosofia.

Muito voltado para as aplicações da psicologia, produziu o famoso teste ABC para determinar o nível de maturidade motora necessário para o aprendizado da escrita e da leitura. O teste, fundado no conceito de maturação, foi aplicado intensamente em todo ensino primário, no país e em vários países latino-americanos.

Entre seus trabalhos reimpressos no volume já citado dos "Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada" destacamos, para efeito de breve comentário, dois: (1) "O Estado atual da psicologia da motivação" e (2) "Contribuição ao estudo experimental do hábito". O primeiro, editado pelo SENAI, atinge 31 páginas e está dividido em vários tópicos: (1) motivação moral; (2) a motivação na filosofia antiga; (3) doutrinas associacionistas; (4) a teoria do instinto; (5) a psicanálise; (6) a contribuição de Gestalt; (7) a situação em 1936; (8) a situação depois de 1946; (9) a doutrina da autonomia funcional; (10) motivação, constructo de interpretação geral. Na bibliografia aparecem referências aos trabalhos de Woodworth (Dynamic Psychology, 1918); Freud (Beyond the pleasure principle, London, International psychoanalytic Press), Lewin (Principles of Gestalt Psychology, 1936); Allport (Personality; a psychological interpretation; C.F. Young (Motivation of Behavior, 1936 e ainda P.T. Young, em sua contribuição para a Enciclopédia de Psicologia editada por Lawrence Harriman. Considerando que o texto foi redigido para ser lido como conferência, indiscutivelmente nele se pode louvar a amplitude de informações e sua irrepreensível organização.

O segundo trabalho acima mencionado - "Contribuição ao estudo experimental do hábito", foi produzido em função de pesquisa realizada no Laboratório de Psicologia expe



rimental da Escola Normal de São Paulo e foi apresentado em 2/6/1927 na Sociedade de Biologia e Higiene de São Paulo. Está dividido em vários tópicos: (1) Noção e valor do Hábito; (2) Importância do estudo do hábito; (3) Resumo histórico do estudo experimental do hábito; (4) Pesquisas originais; (5) Pesquisas sistemáticas e seus resultados; (6) Conclusões. Estas são apresentadas em cinco itens. A bibliografia citada aponta para 15 obras.

Entre os trabalhos não reproduzidos no volume cita do dos "Arquivos" destaca-se o estudo sobre "Relações Humanas no trabalho". A referência que lhe fazemos objetiva mostrar a amplitude dos interesses revelados pelo grande mestre. O trabalho resultou de um conjunto de resumos preparados para um curso sobre o tema. Como sempre percebe-se sua impecável organização. Na verdade o texto está dividido em três grandes seções: (1) as relações humanas e seus processos; (2) as relações humanas e a personalidade; (3) as relações humanas no trabalho. Na primeira das seções, além de uma introdução geral, analisam-se nove temas; na segunda, três, na terceira, seis temas.

Entre os livros que publicou, além, obviamente, de "A Escola Nova", vale sejam mencionados: (1) a "Educação Comparada", Editora Melhoramentos, São Paulo, 1961; (2) Joazeiro do Padre Cícero, Editora Melhoramentos, São Paulo, 1926; (3) Organização e Administração Escolar, curso básico, Editora Melhoramentos, São Paulo, 1967; (4) A Pedagogia de Rui Barbosa, Editora Melhoramentos, São Paulo, 1956; (5) O teste ABC para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita, Editora Melhoramentos, São Paulo, 1933.

Embora todos os livros de Lourenço Filho revelem-se de altíssima qualidade, indiscutivelmente, ao nosso modo de ver, sua obra mais notável foi o "Joazeiro do Padre Cícero". Obra de juventude Lourenço efetivamente a publicou em 1926 quando tinha 29 anos. Obviamente a escreveu antes, tendo sido suas notas colhidas durante sua estada no Ceará. Trata-se de magnífica análise do fenômeno do misticismo mórbido, freqüente em populações de extrema carência. No prefácio da primeira edição lê-se, na página 7: "Joazeiro do Padre Cícero, a Meca dos sertões cearenses - arraial e feita, Centro e oficina, centro de orações e hospício enorme". O autor declara que sua obra é uma contribuição "para a renovação so-



cial desse núcleo de população sertaneja que, mau grado tudo, ainda poderá vir a ser um dia, próspero, livre e feliz". Sua contribuição "não defende se não o sentimento da gente culta do Ceará que, envergonhada desse quisto sempre perigoso, já há vários anos iniciou, com relativo êxito, a sua reconquista à civilização ambiente" (p. 8). Lourenço Filho declara-se inspirado em Euclides da Cunha em quem identifica um criminologista e um patologista social. Euclides - escreve Lourenço Filho - reclamava a presença de um Maudsley, mas ele teria sido o próprio. Insiste em considerar de extrema relevância a presença de um higienista social e a de um terapeuta social.

Joazeiro situa-se na região do Cariry na condição de um simples arraial. A grande cidade mais próxima do Crato, na época em que Lourenço Filho lá esteve, com cerca de 30.000 habitantes. Lourenço Filho explora bastante os depoimentos Alencar Peixoto e do Depurado Floro Bartolomeu, este exaltando o padre Cícero como um verdadeiro santo. Segundo relata Lourenço Filho, o padre Cícero teria sido, como estudante de Seminário, marcado pela mitomania. Teria havido, inclusive, muita oposição à sua ordenação. De qualquer modo, recebeu-a em 1870. Assinala Lourenço Filho que o fanatismo em torno do Padre Cícero desencadeia-se após o ano de 1890, quando se teriam operado milagres que favoreceram a beata Maria de Araujo.

No estudo da personalidade do Padre Cícero revela-se Lourenço Filho extremamente informado acerca das idéias de Tanzi sobre a paranoia. Também Lambroso constitui fonte para o desenvolvimento dos estudos de Lourenço. Lourenço menciona o médico baiano Floro Bartolomeu da Costa como um alter-ego do Padre Cícero. Assinale-se que o Dr. Floro Bartolomeu apareceu em Joazeiro em 1908.

A propósito do milagre que teria acontecido com a beata Maria de Araujo, escreveu Lourenço: "Na manhã do dia 11 de junho de 1890, numa humilde capelinha de Nossa Senhora das Dores, padroeira do lugar, a beata Maria de Araujo, depois de receber das mãos do Padre Cícero Romão Batista - esse era o seu nome - a hóstia consagrada, caía por terra em violenta crise nervosa. Os fieis presentes, que a socorreram, notaram que um fio de sangue lhe escorria da boca entreaberta; e examinando melhor, informaram, depois, que as mesmas espécies eucarísticas se haviam transformado em sangue rubro e palpitante" (p. 89). Era o milagre. O bispo do Ceará, na época, o



saudosíssimo Dr. Joaquim Vieira cometeu a uma Comissão de sacerdotes e médicos a incumbência de verificar o milagre. E o resultado foi favorável ao milagre. Um dos médicos chegou a jurar pelo seu grau que o sangue era de Cristo!" (p. 92)

O bispo, segundo Lourenço Filho, não aceitou o depoimento e entendeu que as três condições estabelecidas por S. Tomás de Aquino não foram obedecidas: "(1) o estudo da pessoa que opera o milagre; (2) a intenção com que ela opera o milagre; (3) a maneira pela qual opera o milagre". (p. 92). Segundo o padre Alencar, a beata que teria sido objeto do milagre era uma doente. A descrição que dela fez é extremamente negativa. Lourenço, revelando bom conhecimento de Freud dedica o capítulo VIII à "Fala do Boi Santo". A história chega a ser extremamente cômica como expressão da candura dos fanáticos da região de Joazeiro. Constituiu, inclusive, episódio típico de idolatria. Vale notar que a obra de Lourenço Filho sobre o Joazeiro do Padre Cícero foi premiada pela Academia Brasileira de Letras. Foi dedicada a Rodolfo Teófilo - Historiador da "sediação de Joazeiro". Este afirmou em 1913: "Não sei qual foi mais terrível: se a seca de 1877 ou a "sediação de Joazeiro".

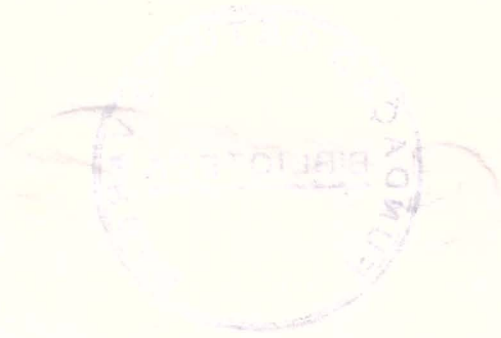
O livro de Lourenço Filho constitui um Clássico no campo da psicologia social patológica e merecia contínuas reedições. Possivelmente foi esse livro que lhe valeu a eleição para a Academia Paulista de Letras.

Finalmente, vale o registro que lhe coube presidir a comissão que implantou o ensino da psicologia, como curso autônomo, destinado à formação de psicólogos com áreas específicas de atuação, em 1962. Pessoalmente tivemos excelente relacionamento, cabendo assinalar o magnífico prefácio com que enriqueceu nosso livro "Comunicação e Linguagem", em 1970 bem como desvanecedor convite para aceitarmos sua indicação para fundar e dirigir uma Faculdade de Filosofia no Paraguai, nela exercendo, ainda, a função de titular de Psicologia Educacional. Por força de nossos compromissos na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, declinamos o convite do grande Mestre. Mas cabe registrar aqui nosso maior agradecimento.

\* \* \*

Lcca/







N.Cham. P/ISOP CPGP T 4

Autor: Penna, Antonio Gomes,

Título: Historia da psicologia: apontamentos sobre as



00049206

31741

FGV - BMHS

Nº Pat.:31/87



